

A educação a distância: o que fazer?

Distance education: what to do?

Angelita Gouveia Quevedo¹

A sociedade de informação em que vivemos faz com que a tecnologia ocupe uma posição decisiva na vida do cidadão, de modo a ressignificar as relações humanas em todas as esferas que conhecemos. Formas diferenciadas de pensar, de aprender e de agir surgem em consequência da articulação e do uso de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), que refletem mudanças marcantes no comportamento humano e revolucionam o conceito de informação e a maneira de construir conhecimento e de aprender.

É inegável o avanço tecnológico que temos visto no campo das TDIC. Temos não só acesso às ferramentas já conhecidas, como TV, rádio, telefone e computador, mas também a uma série de aplicativos e outros *gadgets* que possibilitam que as informações cheguem até nós com muito mais rapidez e também gerem conhecimentos a todo o momento. Já passamos pela transição de modelos individuais para modelos de grupo; as chamadas mídias unidirecionais (jornal, televisão, rádio etc.) estão dando lugar às mídias interativas (vídeo e *webconferências*, redes sociais, TV na *web* etc.).

As inovações tecnológicas da década de 1980 tornaram-se visíveis nos anos 90 — “a era da gravação digital da informação, da compreensão destes dados e do acoplamento das telecomunicações e do computador”¹. A partir de então, temos vivenciado transformações profundas. Os mundos do trabalho, da cultura, do lazer e da produção científica, por exemplo, passaram por grandes modificações.

Hoje, mais do que nunca, as tecnologias fundem-se em serviços, redes, produtos, aplicações, aplicativos etc. É o processo de convergência digital, que tem cada vez mais influenciado nossas vidas. Em instantes nos comunicamos por aplicativos como o WhatsApp, enviando imagens de vídeo que são recebidas segundos depois. Conseguimos, por meio desse recurso, unir textos, imagens, vídeos, fotos e gravações em áudio, além de nos comunicarmos síncrona e assincronicamente.

Na área da saúde, aplicativos que ajudam os usuários a cuidar melhor da saúde se popularizam cada vez mais, como aqueles de monitoramento de temperatura, pressão, calorias

etc. Na outra ponta, temos inovações que auxiliam no tratamento ou acompanhamento médico a distância, os equipamentos costumeiramente encontrados na chamada telemedicina. Temos produtos que realizam remotamente exames cardiológicos cujos laudos são transmitidos pela internet.

Essas inovações podem viabilizar o atendimento a comunidades menos assistidas, reduzir custos e tempo na realização de exames e emissão de laudos e agir como aliadas muito importantes tanto para o pessoal que trabalha na área da saúde como para os hospitais e clínicas e para os próprios pacientes.

Nesse contexto, vemos crescer a necessidade de uma formação profissional que exija o compromisso com a produção de novos conhecimentos, além do desenvolvimento da capacidade de se adaptar às mudanças que o avanço tecnológico nos impõe. Nessa área, as TDIC podem facilitar os processos de ensino e de aprendizagem como ferramentas de apoio didático-pedagógico, entretanto ainda há despreparo significativo que se apresenta como limitações técnicas e falta de metodologias adequadas. Fora isso, fica sempre a pergunta: o que a tecnologia pode nos oferecer no campo da educação?

O uso das TDIC na educação não deve ser visto como um meio de tornar o processo educacional mais moderno. Sua inclusão deve promover o desenvolvimento de habilidades e competências de forma diferenciada, além de poder mediar o aprofundamento de conceitos e de conhecimentos necessários ao domínio do saber. Hoje, são inúmeros os recursos tecnológicos que podem ser usados na educação — seja presencialmente, seja a distância. Todavia, quando se fala em usar recursos tecnológicos para promover educação a distância na área da saúde, enfrentamos grande resistência.

Conceituar *educação a distância* pode não ser uma experiência simples. Há muitas ideias e interesses em questão, preconceito e desconhecimento, otimismo exagerado e falta de informações. Talvez, seja melhor começar pontuando aspectos que *não* caracterizam a educação a distância. Assim, educação a distância *não* é:

¹Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes – São Paulo (SP), Brasil. Autor correspondente: Angelita Gouveia Quevedo – Rua Cayowaa, 122 – Perdizes – CEP: 05018-000 – São Paulo (SP), Brasil – E-mail: angelita.quevedo@pucsp.br

- O contrário de educação presencial;
- Uma forma de fazer educação rápida ou facilitada, impessoal ou econômica;
- Um conjunto de ações educativas realizadas sempre e exclusivamente por meio de TDIC.

Para definir educação a distância, é preciso considerar a existência de diferentes *concepções de educação* e, portanto, de educação a distância. A educação (e a educação a distância) pode ser entendida como:

- Situação educativa pela qual ocorre a transmissão de informações, em geral em grande quantidade, que devem ser memorizadas e reproduzidas, mais tarde, em atividades de avaliação;
- Processo contínuo de construção e/ou reconstrução de conhecimentos e de atribuição de significados às informações que se desenvolve apoiado na contínua relação professor-aluno.

Da mesma forma, compreende-se a *distância* entre os agentes do processo educativo (professor e alunos) como:

- Separação física, no tempo ou no espaço;
- Separação emocional, quando os interesses e a motivação são diferentes;
- Separação intelectual, quando a disponibilidade ou a capacidade de compreensão dificultam ou impedem a comunicação;
- Separação social, quando o perfil socioeconômico de professor e alunos determina interesses e valores distintos;
- Separação cultural, quando elementos da cultura constituem obstáculos à comunicação;
- Entre inúmeras outras formas de afastamento.

Antes dos anos 1960, o conceito de educação a distância foi definido pela comparação imediata com a educação presencial, direta ou face a face. Ainda hoje, em muitos lugares, é comum tratar essa modalidade de ensino por meio da comparação com a modalidade presencial.

De maneira geral, as características mais associadas à educação a distância podem ser resumidas em cinco itens essenciais:

- Distância física e geográfica: separação professor-aluno. Professores e alunos não estão normalmente juntos fisicamente, mas podem estar conectados, ou interligados por tecnologias variadas. Um dos desafios, até hoje, é estabelecer relação de proximidade com o aluno com base nos meios técnicos disponíveis e no acompanhamento dado ao aluno no ambiente digital;
- Planejamento e preparação de materiais didáticos: organizados de forma a guiar o aluno em seu processo de aprendizagem;
- Meios tecnológicos: viabilizam não só todo o processo, mas também incentivam a autonomia do aluno e encorajam sua interação (com o material e com outros alunos);
- Aprendizado planejado: o aluno é o centro do processo e, ao ter de aprender a distância, precisará percorrer a maior parte desse caminho de forma autônoma e independente.

Ao docente, cabe incentivar a aprendizagem com base no planejamento e nos recursos didáticos usados para promover o processo de ensino-aprendizagem;

- Comunicação mediada por meio de tecnologias e mídias diversas: permite a comunicação bidirecional.

Outra forma de olhar para a educação a distância vai nos trazer os diferentes modelos que têm sido usados:

- Modelo por correspondência: de longe, o mais antigo e amplamente utilizado. Apresenta textos didáticos escritos ou impressos, tarefas e correção feita por correspondência regular ou ocasional entre a instituição e o aluno;
- Modelo multimídia: desenvolvido por volta dos anos 1970/80, caracteriza-se pelo uso regular da televisão e do rádio juntamente com o material impresso;
- Modelo de educação a distância em grupo: semelhante ao modelo multimídia, porque o rádio e a televisão são usados para a transmissão de palestras dadas por professores de instituições universitárias. Os alunos podem assistir a essas palestras individualmente ou em grupo;
- Modelo aluno autônomo: o aluno desenvolve-se independentemente. Ou seja, ele mesmo organiza a sua aprendizagem (aprendizagem por contrato);
- Modelo educação a distância baseado em rede: a aprendizagem ocorre em um ambiente informatizado. Os alunos têm acesso aos programas e aos bancos de dados, que contêm informações relevantes;
- Modelo de ensino em sala de aula estendido tecnologicamente: um professor fica em um estúdio ministrando a aula, que é transmitida para duas ou mais salas de aula por meio de cabo, satélite ou sistema de videoconferência;
- Modelo híbrido: combina o melhor do presencial com o melhor da modalidade a distância.

Entretanto, a educação a distância é vista por muitos como uma utopia e, por outros, como um grande desafio para alunos e professores. Alguns encontram na modalidade a solução para todos os problemas, enquanto outros a consideram um atraso completo na educação. Quem tem razão nessa batalha de ideias? Apesar de tudo, é inegável que a educação a distância veio para ficar.

A educação a distância na área da saúde surgiu com a necessidade de formar recursos humanos para as demandas do Sistema Único de Saúde (SUS). O anexo da Portaria nº 198/2004 oferece orientações e diretrizes para a educação permanente em saúde e sugere, como um dos eixos de ação, o uso da educação a distância como recurso pedagógico para a educação permanente.

Mas ainda há muita resistência quanto ao uso da educação a distância para a formação do profissional de saúde. O Conselho Federal de Medicina (CFM) é contra a sua utilização no nível da graduação, principalmente em razão da necessidade de treinamento prático com pacientes. O Decreto federal nº 9.067/2017 regulamentou a educação a distância no ensino superior e flexibilizou a abertura de cursos nessa modalidade. Após o decreto, o número de vagas para a formação

de profissionais de saúde passou de 274,6 mil para 521,4 mil. A autorização dos cursos continua vinculada, segundo o documento oficial, “à avaliação *in loco* na sede da instituição”, porém exclui a necessidade de acompanhamento e fiscalização dos polos de ensino. Além disso, permite parcerias com outras pessoas jurídicas para o funcionamento desses polos. Os conselhos de Medicina, Enfermagem e demais ligados à área da Saúde também se preocupam com as condições de funcionamento desses locais de ensino e com o tipo de parceria que pode ser efetuado, uma vez que o decreto admite contratos com qualquer tipo de empresa.

Infelizmente, a expansão da educação a distância no ensino superior parece atender aos interesses de grandes grupos

educacionais, inclusive estrangeiros, deixando de lado a preocupação com a qualidade da formação desses futuros profissionais da saúde. Sabemos que, por meio da educação a distância, podemos atingir comunidades independentemente de sua localização geográfica e propiciar acesso à educação que não seria possível de outro modo. Contudo, é preciso que a qualidade do ensino, e não os interesses financeiros, seja o foco.

REFERÊNCIA

1. Santos A. Tecnologias de informação e comunicação: limites e possibilidades no ensino superior. *Rebes Rev Brasileira de Ensino Superior*. 2015;1(1):36-46.

Como citar este artigo:

Quevedo AG. A educação a distância: o que fazer? *Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba*. 2018;20(2):67-9. DOI: 10.23925/1984-4840.2018v20i2a1